

Negros/as surdos/as: reflexões sobre interseccionalidades e resistências

Rhaul de Lemos Santos¹

Universidade Federal do Paraná, UFPR, Curitiba, PR, Brasil

Sueli de Fátima Fernandes²

Universidade Federal do Paraná, UFPR, Curitiba, PR, Brasil

Paulo Vinicius Baptista da Silva³

Universidade Federal do Paraná, UFPR, Curitiba, PR, Brasil

Resumo: A motivação deste trabalho tem como foco a reflexão acerca das dimensões do ser surdo/a e do ser negro/a para a compreensão do entrecruzamento de sistemas particulares de poder – o racismo e o ouvintismo – na conformação de subjetividades de negros/as surdos/as. Apropriando-nos da ferramenta analítica da interseccionalidade, buscamos promover o debate que envolve o entrecruzamento entre raça e surdez, analisando a tematização das políticas de identidades em manifestações artístico-culturais de negros/as surdos/as. A partir das contribuições teórico-conceituais produzidas nos campos dos estudos surdos em educação e das relações étnico-raciais, fazemos aproximações interseccionais com a intenção de refletirmos sobre os marcadores sociais da diferença de negros/as surdos/as e os entrecruzamentos das exclusões e desigualdades acerca de suas experiências sociais, tomando algumas manifestações estéticas da comunidade negra surda que vêm operando como formas de resistência, agência e fortalecimentos das lutas identitárias de negros/as surdos/as.

Palavras-chave: Negros/as surdos/as; Interseccionalidade; Identidades; Resistência.

Title: Black deaf: reflections on intersectionality and resistance

Abstract: The motivation behind this work involves reflecting on the dimensions of being deaf and being black in order to understand the intersection of particular systems of power – racism and audism – in the conformation of subjectivities of deaf blacks. By employing the analytical tool of intersectionality, we seek to promote the debate that involves the intersection between race and deafness, analyzing the thematization of identity policies in artistic-cultural manifestations of deaf blacks. Based on the theoretical-conceptual contributions produced in the fields of deaf studies in education and ethnic-racial relations, we adopt intersectional approaches with the intention of reflecting on the social markers

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3090-0750>. E-mail: rhaullemos@gmail.com.

² Doutora em Letras/Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Paraná. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1349-7004>. E-mail: suelifsol@gmail.com.

³ Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9207-2439>. E-mail: pauloviniciusufpr@gmail.com.

of the difference between black and deaf individuals and the intersections of exclusions and inequalities that entail their social experiences, taking some aesthetic manifestations of the deaf black community that has been operating as forms of resistance, agency, and strengthening of the identity struggles of deaf blacks.

Keywords: Black deaf; Intersectionality; Identities; Resistance.

Introdução

Os anos 2000 demarcam uma ruptura paradigmática em relação à compreensão do ser surdo que põe por terra a representação hegemônica da surdez como deficiência, olhar que situou a alteridade surda no território discursivo da educação especial. A patologização da existência surda foi amplamente descrita e caracterizada pelo modelo clínico-terapêutico da surdez, em que os surdos, a exemplo de outras alteridades deficientes, tiveram seus corpos moldados a partir do ouvido incompleto e da falta de linguagem: “suas identidades, pensadas como pedaços desfeitos, suas mentes, como obscuras e silenciosas cavernas” (SKLIAR, 1999, p. 28).

A “virada etnográfica” (MATTELART; NEVEU, 2006) que passou a teorizar e explicar as identidades surdas em termos culturais decorreu das contribuições do campo dos Estudos Surdos em Educação (*Deaf Studies*) derivado dos Estudos Culturais. A premissa que institui as pesquisas nesse campo é orientada pela noção de que as pessoas surdas são integrantes de um grupo cultural minoritário e demandam definições atravessadas pelas experiências visuais, nas formas linguísticas, culturais e sensoriais do ser no mundo (BAUMAN; MURRAY, 2014). Os estudos nesse campo acadêmico são acompanhados do engajamento e ativismo político de pesquisadores/as surdos/as que passam a problematizar as experiências de opressão a que foram submetidos historicamente, decorrentes da concepção médica da surdez.

O estatuto científico de descrição da organização gramatical da língua de sinais americana (*American Sign Language – ASL*), a partir dos anos 1960, lançou as bases para a descrição de outras línguas de sinais no mundo, contribuindo para a derrocada das teses dominantes da fala como norma. A reconceituação das identidades surdas como derivadas das produções culturais da comunidade passa a ser teorizada (PADDEN; HUMPHRIES, 1988), criando as bases ideológicas para a aproximação teórica do movimento surdo com outros grupos subalternos, valendo-se da mesma crítica das estruturas ideológicas dominantes para interrogar as relações de poder e desigualdades entre surdos e ouvintes (LANE, 1992).

No Brasil e no mundo, foram inúmeros os avanços na compreensão histórico-cultural das comunidades surdas e sua agenda política centrada na tese da garantia de direitos humanos pela sua situação de minoria linguística nacional. Ao reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras) em território nacional (Lei nº 10.436/2002), seguiram desdobramentos importantes para a progressiva constituição de uma política de educação bilíngue para esse grupo, até então configurada no território da educação especial, problematizando as noções da surdez como deficiência e da Libras como recurso ou instrumento de comunicação, à semelhança de outras tecnologias assistivas destinadas à

acessibilidade de pessoas com deficiência. A obrigatoriedade da disciplina de Libras nas licenciaturas, a criação de cursos de graduação em Letras-Libras e Pedagogia Bilíngue e a crescente difusão social da Libras operaram, no âmbito acadêmico e institucional, para a mudança dessa perspectiva.

Em simultâneo com as conquistas efetivadas pelos movimentos surdos, nas últimas décadas, amplia-se uma leitura no campo da educação de surdos, face a sua condição de minoria linguística, o que pressupõe o diálogo indissociável entre as políticas linguísticas e as políticas inclusivas, como campos necessariamente complementares (GOYOS; FERNANDES; JESUS, 2020). Em setembro de 2021, a educação bilíngue é reconhecida como modalidade de educação e compõe um capítulo da Lei de Diretrizes e Bases Nacional, com a aprovação da Lei nº 14.191, instrumento legal que poderá atuar na garantia de direitos humanos e direitos linguísticos para os cidadãos surdos brasileiros, até então apenas debatidos no âmbito das políticas de inclusão para pessoas com deficiências.

Esses elementos contribuem para avançarmos na reivindicação de uma educação linguística que favoreça a aquisição da Libras na infância como língua materna das crianças surdas, da planificação de políticas linguísticas que promovam o letramento das comunidades, que pressuponha para além a denúncia do monolinguismo em português, que sempre operou para colonização linguística dos surdos no espaço escolar. A educação bilíngue de surdos, vista por essa lente, deve ser pensada em uma perspectiva multicultural, no sentido do olhar atento à diversidade dos grupos culturais que a permeiam e na vivência intercultural, com garantia de expressão e intensa dialogia entre as diferentes identidades de classe, de raça, de gênero, de sexualidade, entre outras possibilidades de identificação (CANDAU, 2012).

Pensar na aproximação das agendas multiculturais dos movimentos sociais é um dos desafios enfrentados na educação na contemporaneidade, sobretudo quando envolvidas as demandas identitárias de grupos historicamente subalternizados.

Nesse sentido, Fernandes (2003) problematiza que, a despeito de todas as mudanças ocorridas nas práticas discursivas relativas à surdez, que produziram movimentos de denúncia e resistência às formas de colonialismo linguístico e cultural nas últimas décadas, há, no interior do movimento surdo, contradições evidentes em relação às políticas de identidades. Ao mesmo tempo em que a agenda política do movimento surdo defende representações que valorizem aspectos socioantropológicos e de multifacetamento identitário (PERLIN, 2003; GARCIA, 1999; HALL, 2006; LADD, 1998, 2013) na definição da diferença do “ser surdo”, nesse corpo de representações mantêm-se esquemas universalizantes e essencialistas de identidades (identidade política, identidade híbrida, identidade flutuante, de transição...) que transcendem marcadores de raça, gênero, sexualidade e etnicidade, por exemplo.

A motivação deste trabalho encaminha, nesse contexto, a reflexão acerca das dimensões do ser surdo/a e do ser negro/a para a compreensão do entrecruzamento de sistemas particulares de poder – o racismo e o ouvintismo – na conformação de subjetividades de negros/as surdos/as. Apropriando-nos do conceito de interseccionalidade (COLLINS, 2017), buscamos promover o debate que envolve esse entrecruzamento entre raça e surdez,

analisando a tematização das políticas de identidades em algumas manifestações artístico-culturais de negros/as surdos/as.

São ainda bastante reduzidos, no cenário nacional, estudos que buscam compreender a dimensão intercultural da experiência de ser negro/a surdo/a. Uma apreensão teórica e política da interseccionalidade ilumina nossas reflexões sobre como as construções sociais da negritude e da Surdidade⁴ (LADD, 2013) contribui para ampliar os debates sobre políticas de identidades. O debate interseccional que nos propomos a apresentar parte das contribuições teórico-conceituais produzidas nos campos dos estudos surdos em educação e das relações étnico-raciais, com a intenção de refletirmos sobre os marcadores sociais das diferenças que envolvem negros/as surdos/as e os pontos da intersecção das múltiplas exclusões que envolvem suas experiências sociais.

Analisaremos algumas das estratégias que vêm sendo construídas para o enfrentamento de práticas de opressão, sob a forma de manifestações estéticas do movimento negro surdo, nos campos da arte e cultura surda (LADD, 1998; MOURÃO, 2016; KARNOPP; KLEIN; LUNARDI-LAZZARIN, 2021). Na seção *Interseccionalidade surdez e raça: novas perspectivas*, apresentaremos contribuições teórico-conceituais que subsidiam a discussão, aproximando os campos dos estudos surdos e das relações étnico-raciais pela utilização da ferramenta analítica da interseccionalidade. Na seção seguinte, *Negritude e Surdidade: manifestações estéticas de resistência*, propusemo-nos a debater algumas das estratégias nos processos de agência e autonomização dos sujeitos negros/as surdos/as, tomando algumas manifestações estéticas da comunidade negra surda que vêm operando como formas de resistência e fortalecimentos das lutas identitárias de negros/as surdos/as.

Interseccionalidade surdez e raça: novas perspectivas

Na esteira das reflexões de Collins (2017), entendemos que a ferramenta analítica da interseccionalidade opera como um conceito “guarda-chuva” muito produtivo, a partir de um ponto de vista crítico das mulheres negras como uma coletividade, que potencializa seus domínios para as interrogações identitárias e lutas políticas de outros grupos subalternizados, como é o caso da coletividade surda. O feminismo negro e a formulação de um *ethos* que mobiliza o entrecruzamento de sistemas de opressão – patriarcado, colonialismo, racismo e sexismo – na análise das desigualdades sociais têm sido fundamentais para as lutas antirracistas e decoloniais. Com essa intenção, buscamos mobilizar formulações acerca do ouvintismo, que se evidenciava pelas representações e práticas para que os surdos assumissem identidades próximas da cultura ouvinte (SKLIAR, 2013, p. 15), buscando

⁴ Manteremos, neste texto, a terminologia “Surdidade”, sempre alinhada ao termo original “Deafhood”, em inglês, cunhado na tese de doutorado do pesquisador e professor surdo Paddy Ladd (LADD, 1998). Como não há tradução da produção de Ladd, no Brasil, e a única obra em português lusitano emprega “surdidade” (LADD, 2013), nossa decisão justifica-se, também, pelo fato de não haver consenso na produção brasileira, sendo a expressão ora traduzida por “Surdidade” (NEVES, 2021), “Ser Surdo” (PERLIN, 2003; MARQUES, 2008), ou mesmo “Surditudes” (LINHARES, 2019).

relacionar esse perverso mecanismo de colonização dos corpos surdos a outras formas de subordinação, aprofundando a análise crítica das relações de poder entre ouvintes *versus* surdos/as.

A ferramenta conceitual que tem possibilitado pensar a descolonização do corpo surdo, por meio da tomada de consciência do longo processo histórico de ouvintismo que muitas gerações de surdos vivenciaram, é cunhada por Paddy Ladd como “Deafhood” (LADD, 1998) (ou surdidade, na única tradução lusitana da obra para o português). O conceito sintetiza a narrativa de uma nova identidade cultural centrada nas experiências coletivas das comunidades surdas, uma arma simbólica/discursiva de combate e de resistência ao ouvintismo. Fernandes e Terceiro (2019) interpretam “Deafhood” (no original, em inglês) como um conceito guarda-chuva que sintetiza a “existência surda” e recobre relações de poder, julgamentos de valor contraditórios, variáveis de classe, de identidades, em um cenário de tensionamentos dinâmico e nunca estático: “uma existência surda coletiva, transhistórica [sic], em movimento e transformação constante [...] que tem como núcleo as relações de poder e as estratégias de resistência aos sistemas de opressão” (FERNANDES; TERCEIRO, 2019, p. 14).

Aliada à compreensão da Surdidade/*Deafhood*, a noção de interseccionalidade ampliou nossas chaves interpretativas para a compreensão da produção de desigualdades sociais, considerando a complexa dinâmica das relações entre marcadores como gênero/sexo, idade/geração, raça/etnia, sexualidade/orientação sexual, classe social e as práticas de privilégios e de opressões delas decorrentes em nossa sociedade. Vivemos relações sociais muito complexas que acionam diferentes dispositivos identitários e culturais, influenciados pelos mecanismos comunitários que formam as identidades e subjetividades dos sujeitos.

A luta pela permanência e continuidade dos posicionamentos identitários acordados pelos grupos privilegiados que controlam esferas sociais esbarram, como afirmado por Hall (2006, p. 13), na ideia da “identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente”. Para o autor, as identidades não são homogêneas e sim fragmentadas e não fixadas (HALL, 2006). Descentralizar as identidades é um ponto de partida para questionar os movimentos centralizadores identitários. Nas palavras de Silva (2014), a identidade é uma representação indeterminada e estritamente ligada à relação de poder.

As estratégias de manutenção de identidades hegemônicas e de sufocamento de outras identidades impulsionaram a resistência de grupos subalternizados contra a padronização cultural promovida por grupos dominantes. O resultado da resistência foi a ruptura com as fronteiras da diferença, deslocando e desestabilizando os modelos culturais hegemônicos. Os esforços em regular o “Outro” situam os sujeitos que resistem nos entrelugares. Para Bhabha (2014, p. 20), os entrelugares “fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, ao definir a ideia de sociedade”.

Novas identidades que surgem através do hibridismo cultural e identitário nos

permitem perceber quanto os sujeitos transitam por diversos marcadores e como a insurgência dos movimentos sociais visibilizou identidades outras que antes eram presentes, mas não representadas. Citamos como insurgentes as reflexões acerca da comunidade negra surda, que integrava pautas no movimento surdo e no movimento negro, mas não se sentia representada em nenhum desses espaços.

Articular dois temas que tradicionalmente são tratados sem diálogo na literatura da área não é uma tarefa fácil. Recorremos ao conceito de interseccionalidade para desvelar como os processos de produção de desigualdades sociais que envolveram sujeitos surdos remetem à interconexão de práticas racistas e de colonização linguística, subalternizando e invisibilizando as identidades políticas desses sujeitos, tanto na comunidade negra quanto na comunidade surda. A interseccionalidade vai muito além da discussão sobre a “dupla diferença”, já que permite ao pesquisador analisar como as opressões operam de formas diferentes em sujeitos que se encontram interseccionados. Assim, quando refletimos sobre negros/as surdos/as, não estamos falando apenas de sujeitos que são surdos ou negros, mas sim de um sujeito interseccional que se torna único quando inter cruzadas essas identidades.

A situação de minoria linguística que, por anos, submeteu os/as surdos/as a processos de colonização e subalternização de sua língua, bem como a denúncia contra as tentativas de homogeneização cultural e de ouvintismo na normalização do corpo surdo são elementos que costumam ocupar o foco das discussões acadêmicas e do movimento surdo.

A pesquisadora surda Carolina Fernandes (2022) busca ampliar o debate sobre o ouvintismo para se referir às opressões e desigualdades sociais que os surdos sofrem a partir da ideia de superioridade ouvinte, introduzindo uma categoria teórica que realize um paralelo com o conceito da branquitude, auxiliando a pensar o processo de naturalização da norma e dos privilégios ouvintes, ainda pouco explorados na literatura. Para ela, a “ouvintização” representaria o privilégio ouvinte e a naturalização da norma dele decorrente. A pesquisadora explica que “privilégio ouvinte se refere em como a sociedade é condicionada a beneficiar os ouvintes simplesmente por ouvir, gerando desigualdade e injustiças” (FERNANDES, 2022, p. 38).

Fomentar o estudo da interseccionalidade no campo dos estudos surdos faz ampliar o olhar que, até então, centrou-se no binarismo “surdo *versus* ouvinte”, sem considerar aspectos conflituos das relações entre os próprios sujeitos surdos e os “sistemas discriminatórios que criam desigualdades” (CRENSHAW, 2002, p. 177) que atuam sobre o corpo surdo através de gênero, classe e raça, por exemplo.

Encontramos, nas pesquisas que realizaram a interseccionalidade entre surdez e raça, narrativas de negros/as surdos/as que estão posicionados em contextos racistas e ouvintistas. Em suas narrativas, a raça aparece como um mecanismo de opressão antes da surdez, pois ataques racistas acontecem antes mesmo das pessoas saberem que eles/as são surdos/as. De acordo com Priscila Leonnor Alencar Ferreira (2018, p. 13), pesquisadora e ativista negra surda, “em primeiro lugar vem a discussão sobre ser negro e depois sobre ser surdo, pelo fato de que, visualmente falando, ser o aspecto que primeiramente chama a atenção e em segunda

instância a questão da pessoa surda”. Por isso, as comunidades negras surdas mundiais se identificam como negros/as surdos/as e não surdos/as negros/as, denunciando que a raça é um marcador identitário mais pulsante aos olhos da sociedade, no primeiro momento de contato.

Para nós, não importa discutir qual identidade vem primeiro, mas chamar a atenção para o fato de que as identidades surdas e negras são múltiplas e heterogêneas, e as possibilidades de combinação e as decorrentes desigualdades possíveis são hierarquizadas nos contextos sociais de opressão e privilégio em que operam as relações de poder. A pesquisadora estadunidense Reshawna Chapple (2018, p. 5) diz que muitas mulheres surdas passam por um conflito interno e quando essas mulheres “são pressionadas a escolher entre a negritude e a surdez” a raça fica secundarizada. A autora ainda diz que “na comunidade surda a surdez é considerada a importância primária, desconsiderando marcadores como raça, gênero, sexualidade, entre outras” (CHAPPLE, 2018, p. 5).

Em pesquisa anterior (SANTOS, 2019), refletimos como uma análise interseccional contribui para compreender a produção de desigualdades na comunidade surda. A investigação analisou impactos da ocupação de vagas pela população negra surda nos cursos de graduação em Letras Libras em instituições federais de ensino, no período entre 2006 e 2016, dadas as políticas afirmativas que priorizavam a formação de pessoas surdas na docência da Libras (BRASIL, 2006). Por meio do cruzamento de dados populacionais do IBGE no ano de 2010 e de microdados dos censos educacionais do Inep, no período de 2019 a 2016, o autor realizou o mapeamento da ocupação de vagas dos/as negros/as surdos/as nas universidades federais, comparativamente às matrículas gerais, matrículas de estudantes negros/as e de estudantes surdos/as.

Entre 2009 e 2011, há evidente expansão das matrículas de estudantes surdos no ensino superior nos cursos de Letras Libras, representando, em média, 50% do total; a redução de matrículas no curso de Letras Libras ocorre entre 2012 e 2016, quando há expressivo crescimento em outros cursos de graduação, com elevação de 159,37% de estudantes surdos/as matriculados/as. Os dados, em geral, são bastante significativos ao apontar sempre taxas de elevação de estudantes surdos/as matriculados/as no ensino superior. Ao cruzar marcadores raciais, sociais e de gênero, Santos (2019) conclui que, apesar do crescente número de matrículas de surdos/as no ensino superior e o progressivo ingresso de estudantes negros/as surdos/as nas IFES, a ocupação desse espaço é ainda reduzida se comparada ao universo total das populações negra e surda. Os dados suscitam a reflexão de que a questão racial é, também, uma das marcas identitárias a ser considerada como barreira de acesso no ensino superior público, reproduzindo, na trajetória de negros/as surdos/as, o histórico de exclusão da educação dos/as negros/as no Brasil.

Quando falamos de pesquisas interseccionais envolvendo os campos dos estudos surdos e de relações étnico-raciais, há um relativo avanço nas discussões que investigam o multiculturalismo, mas ainda persiste na comunidade surda a ideia de que ser surdo é a identidade primária e única, como indicado por uma das primeiras pesquisadoras do

multiculturalismo nas comunidades surdas, Barbara Gerner Garcia (1999). Em suas discussões iniciais, a autora afirma que, ao negar a submissão às representações ouvintistas da surdez como deficiência, o movimento surdo localiza a língua de sinais no centro das autorrepresentações em uma política de identidades baseada em critérios linguísticos. Na última década, as identidades surdas interseccionais vêm sendo estudadas considerando diferentes cruzamentos de marcadores sociais, com destaque às questões raciais (BUZAR, 2012; FERREIRA, 2018; SANTOS, 2019; CAMPOS; BENTO, 2022), ampliando a apreensão do multifacetamento da existência dos coletivos surdos. Obviamente, não há um consenso sobre os deslocamentos de sentido das identidades, sendo a representação de intelectuais e ativistas surdos/as, além de simpatizantes e aliados/as ouvintes, mais significativa no âmbito acadêmico.

Fernandes (2003, 2011) argumenta que, entre as novas configurações de identidades surdas, há uma tendência de se construir uma essencialização de “proto-identidades” [sic] representadas por um universalismo que transcende a distinção de raça, etnicidade e nacionalidade, sintetizado na experiência visual sensorial comum, derivada da falta de audição. Complementar a essa perspectiva, há o critério do purismo linguístico para caracterizar a verdadeira identidade surda que decorre da experiência dos/as surdos/as verdadeiros/as – chamados nativos (ou surdos hereditários) –, nascidos/as em famílias surdas, não contaminadas pela tradição oral e cultural do “mundo” dos ouvintes; excluídos/as dessa representação original estariam os/as parcialmente surdos/as, os/as que se tornaram surdos/as tardiamente, ou mesmo aqueles/as que não conviveram com pares e desconhecem a língua de sinais. Dito de outro modo, há uma tendência a se “essencializar” a diferença por meio da ideia da experiência autêntica da surdez entre “nativos”, incorrendo-se no mesmo equívoco das práticas discursivas que se propuseram a denunciar.

A surdez como objeto estático de autenticidade é “(re)descoberta e ativamente produzida” (WRIGLEY, 1996, p. 45) nas experiências de multifacetamento de negros/as surdos/as, de indígenas surdos/as, de feministas surdos/as, de LGBT surdos/as, ainda invisibilizados/as na comunidade surda pelo argumento da suposta “identidade linguística” ou “condição sensorial” que os/as unifica.

Surdidade/*Deafhood* e interseccionalidade são, dessa forma, ferramentas analíticas complementares para ampliar as chaves interpretativas nas políticas de identidades surdas. Tem sido produtivo o debate de se pensar e compreender a comunidade surda a partir e no interior das contradições da pluralidade dos movimentos sociais como espaços de luta, resistência e interseccionalidade pelo “cruzamento das identidades sociais em um eixo, criando uma nova combinação de identidades e experiências vividas resultando em múltiplas desigualdades sociais sistêmicas” (STAPLETON, 2014, p. 85). Dito isso, passamos a debater algumas das estratégias nos processos de agência e autonomização dos sujeitos negros/as surdos/as que potencializam movimentos de resistência na próxima seção.

Negritude e Surdidade/Deafhood: manifestações estéticas de resistência

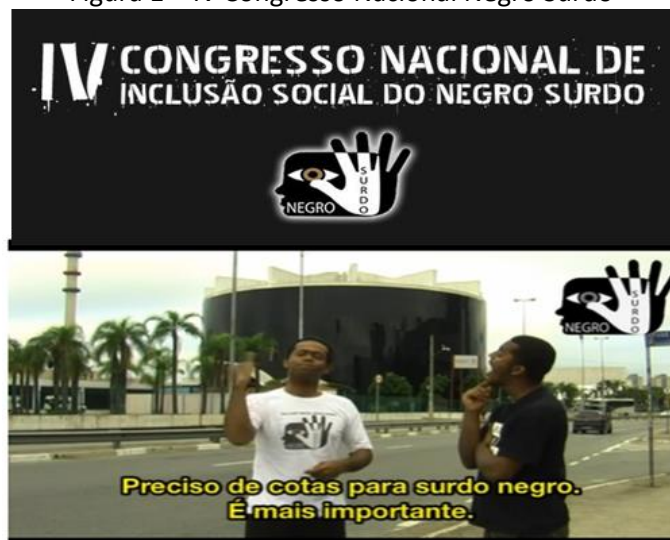
A paisagem plurilíngue e multicultural brasileira é também constituída das experiências de linguagens das comunidades surdas nas manifestações de artefatos culturais tecidas na poesia, na literatura, no humor ou na atuação teatral dos sinalizadores da Libras. Esse repertório é dialógica e democraticamente partilhado nas enunciações que circulam em gêneros textuais diversos, materializados em videorregistro e forjados em signos visuais sinalizados que ganham vida nas práticas de interação verbal das comunidades surdas nacionais.

As manifestações estéticas da comunidade negra surda, sob a forma da arte da poesia, das narrativas da literatura surda, suas “escrivências” visualiterárias têm operado como estratégias de produção, circulação e consumo de manifestações culturais hibridizadas na comunidade surda, potencializando agência de “artistas” da luta negra surda. O neologismo “ativismo” é um movimento descrito por Chaia (2007, p. 10) como “característico desse tipo de arte política a participação direta, configurando, formatos de situações que vai do artista crítico até o engajado ou militante”. Tomar a análise interseccional como mais uma ferramenta analítica no campo dos estudos surdos, além de desvelar as relações de poder marcadas por conflitos, marginalização e exclusão, nos possibilitou, também, identificar formas de resistência e agência, fortalecendo o protagonismo da organização política e da insurgência de movimentos sociais e de lutas identitárias nos movimentos negro e surdo.

Nossa compreensão, nesse sentido, reafirma o caráter político e ideologicamente marcado das práticas de letramentos na educação linguística de surdos e o reconhecimento das relações de poder que as atravessam. Na ruptura com as estruturas racistas e ouvintistas, o movimento negro surdo brasileiro vem progressivamente promovendo reflexões, debates e mobilizações que contribuem para o processo de letramento crítico racial (FERREIRA, 2014) da população negra surda nacional. Identificamos como uma das primeiras estratégias, nesse sentido, a realização do 1º Congresso Nacional de Inclusão Social de Negros Surdos (CNISNS), no ano de 2008. O CNISNS foi um momento marcante na vida dos/as militantes negros/as surdos/as; para Ferreira (2018, p. 15), foi “a oportunidade de liderar o grupo de negros/as surdos/as de Salvador e organizar os preparativos, reuniões e discussões acerca das pessoas negras, da África, da história afro-brasileira, identidade e cultura, etc”.

Entre as temáticas do evento, situavam-se questões como qualidade de vida do negro surdo; igualdade de direitos e acesso às informações para a sua integração social; troca de informações e apoio mútuo para fortalecer o senso de cidadania da comunidade de negros/as surdos/as, com objetivo de promover uma percepção da identidade negra relacionada ao negro surdo e ao desenvolvimento socioeconômico por meio de políticas públicas para inserção no mercado de trabalho (GELEDÉS, 2020).

Figura 1 – IV Congresso Nacional Negro Surdo



Fonte: Organização dos autores (2022).

Após o 1º Congresso Nacional de Inclusão Social de Negros Surdos (CNISNS), em 2008, outras edições foram realizadas nos anos de 2009, 2012, 2013, 2015 e 2017. Os eventos tornaram-se verdadeiros quilombos simbólicos, rompendo os discursos hegemônicos, em que a norma surda branca disfarçava a igualdade entre os membros, invisibilizando as diferenças raciais e as demandas de negros/as surdos/as delas decorrentes. Esses encontros aquilombaram a população negra surda, criando um “movimento emancipacionista”, no sentido dado por Moura (1992). Se a primeira marca identitária e cultural do surdo é a surdez (LOPES, 2007) e as discussões na comunidade surda, na maioria das vezes, se encontram no campo subinclusivo, em que a diferença torna invisível outras identidades (CRENSHAW, 2002), faz-se necessário que negros/as surdos/as discutam e fortaleçam entre si o senso de raça na comunidade.

Foi a partir da participação no CNISNS, que alguns/algumas surdos/as se construíram negros/as surdos/as. Muitos sujeitos perceberam a necessidade de ajudar outros/as surdos/as a se descobrirem negros/as, expandindo e alcançando outros espaços, fora do CNISNS. Os trabalhos realizados pelos/as ativistas Gabriela Grigolom “Negabi” (Curitiba-PR), Edinho Santos (São Paulo-SP), Léo Castilho (Rio de Janeiro-RJ), Priscilla Leonnor (Salvador-BA) denunciam as estruturas ouvintistas e racistas que interpelam as vivências do povo negro surdo e criam resistências.

O poema que transcrevemos a seguir foi performado no Slam Contrataque, que acontece periodicamente na cidade de Curitiba, integrando o movimento nacional do Slam, cujos eventos são realizados em algumas cidades do país e têm como proposta ser um espaço de resistência e protesto, um meio franquear a voz a grupos oprimidos, através das batalhas de poesia. O poema foi sinalizado pela slamer “Negabi” com tradução para o português do pesquisador e tradutor/intérprete de Libras Jonatas Medeiros, como segue:

Figura 2 – Negabi

Estou procurando, eu quero ver meu movimento
Olha esses ouvintes falando
E a feminista? E a feminista Surda?
Ela não consegue perceber,
Ela quer abrir uma porta, pra poder se entender.
Olha a mudinha aqui!
Eu não sou mudinha!
Eu sou SURDA!
Eu estou te visualizando, não vem falar
Não vem tirar sarro da minha cara não!
Porque eu sou surda, me respeita!
Feminista, eu sou lutadora
Eu sou mulher NEGRA!
Nós surdas somos violentadas, bloqueio de comunicação
Não temos como falar com a polícia
Eu sofro, sou desrespeitada
Tenho algumas limitações, porque sempre estou sozinha No hospital, quando nasceu meu bebê
Não teve comunicação
Eu sou surda, o médico não sabe sinalizar



CADÊ O INTÉPRETE?
Estou angustiada!
Estou sozinha!
Sozinha, bloqueada, limitada
Olhando a sua boca falando
Não tem bilinguismo
Vocês querem que eu oralize?
Parem de falar comigo! Implante?
Eu tenho que oralizar?
Não estou entendendo nada!
Não consigo me comunicar!
Por favor, intérprete para poder me ajudar
Um alívio, eu posso ficar tranquila
Eu quero bilinguismo!
Eu quero a minha língua no meu corpo
Eu vou gritar! Eu vou gritar!
Surdos/as, ouvintes, venham!
Vamos somar, somar Feministas juntas!
Movimento já, não sou muda!
Eu sou NEGRA SURDA!

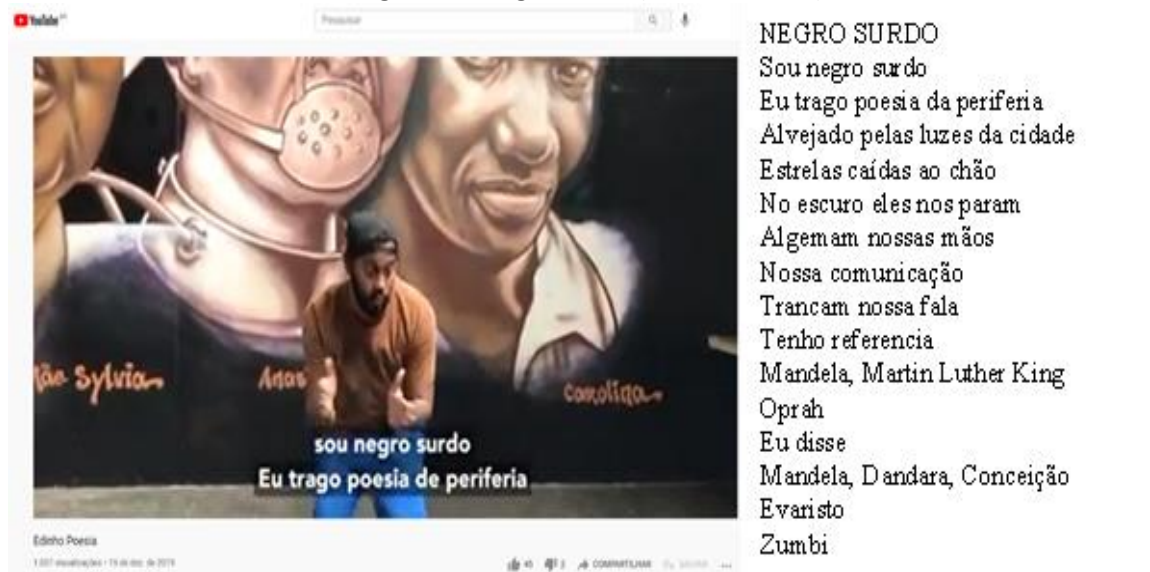
NEGABI, Slam Resistência Surda,
Curitiba, 2018

Fonte: Organização dos autores (2022).

Santos, Medeiros e Grigolom (2020) explicam que a manifestação dos/as slamers surdos/as atua para o fortalecimento de uma agenda política de ocupação de espaços historicamente negados à língua de sinais e à cultura surda, como a literatura e a arte, durante o período do paradigma da surdez-deficiência, sob o domínio da ciência médica, da audiologia e da pedagogia terapêutica. A língua de sinais libera as amarras simbólicas da incapacidade e da anormalidade surda, permitindo a insurgência de artistas “subalternos”, no sentido atribuído pelo intelectual surdo Paddy Ladd, membros da “base”, mas “intelectuais” das culturas minoritárias que, ao manifestar suas demandas da vida real pelo olhar da subalternidade produzem resistência (LADD, 2013, p. 21).

Em outro poema, o artista Edinho Santos sinaliza os dilemas de ser negro surdo, realizando um cruzamento interseccional com a periferia, território no qual cresceu e que contribuiu para a formação da sua identidade, denunciando o racismo estrutural. Diferente de Negabi, que denuncia as formas de opressão linguística derivadas da sua condição de mulher negra surda, com holofote às práticas ouvintistas, Edinho entrelaça a sua identidade negra à ancestralidade de lideranças da luta antirracista.

Figura 3 – Negro Surdo (Edinho Santos)



Fonte: Organização dos autores (2022).

Conceição Evaristo utiliza o conceito de “escrevivência”, termo que utiliza em escritos diversos, para posicionar a forma como escritoras negras narram histórias a partir de suas vivências pessoais e dos relatos de seus antepassados, reestruturando as narrativas oficiais no confronto com as tradições e histórias afro-brasileiras e com suas vivências cotidianas (EVARISTO, 2005, p. 204). Essas narrativas, que anteriormente eram passadas pela oralidade, passam a ser registradas pela escrita, promovendo o letramento crítico racial. Propomos o conceito para iluminar nossas reflexões sobre a transmissibilidade da cultura surda, cuja produção linguística e cultural é passada de geração em geração por meio da língua de sinais, pelas narrativas sinalizadas, pelo humor surdo, pela literatura sinalizada, entre tantas outras manifestações de gêneros da “sinalidade”⁵ que se manifestam pela modalidade visual-espacial da linguagem corporal e da língua sinalizada.

Claudio Mourão, pesquisador surdo da literatura em língua de sinais, designa as produções de “mãos literárias” que florescem nas comunidades surdas como experiências “visualiterárias”, circulando, sendo absorvidas e consumidas como produções culturais de surdos “que passam de mãos em mãos e de olhos em olhos e transformam assim as cargas culturais” literárias (MOURÃO, 2016, p. 226). As escrevivências visualiterárias de negros/as surdos/as foram qualificadas com a possibilidade do vídeo-registro e da difusão das tecnologias de comunicação e informação que acolhem as diversas linguagens semióticas, incorporando formas de expressividade, sem uso da língua escrita-falada hegemônica que sempre atuou como fator de exclusão e marginalização dos/as surdos/as.

A escrevivência visualiterária surda se afasta da hegemonia fonocentrista e faz

⁵ A partir de Vianna (2014), compreendemos a sinalidade como processo de constituição de práticas discursivas sinalizadas que têm no corpo e na visualidade seu principal vetor linguístico, político e ideológico das sociedades de visibilidade surdas, cujas marcas identitárias são asseguradas, indiscutivelmente, pelo contexto sócio-histórico das línguas sinalizadas.

florescer na cena cultural outras formas de registro, produtos de letramentos de reexistência (SOUZA, 2011) de narrativas negras surdas, com o propósito de denunciar as opressões que marginalizaram e excluíram negros/as surdos/as, mas também nutriram o processo histórico de luta e resistência em que buscam firmar um lugar de fala determinado na comunidade surda.

As manifestações estéticas de ativistas negros/as surdos/as têm se ampliado em vários países, como no caso do artista estadunidense Fred Michael Beam, organizador do evento *Black Deaf Expo*, destinado à exposição de trabalhos de empreendedores/as, artistas, cineastas e líderes comunitários/as negros/as surdos/as. Além disso, Fred é criador da *Invisible Hands*, fundação que critica a sociedade audiocentrista, conscientizando as pessoas sobre a produção cultural e artística surda.

Figura 4 – Not “Black” and “Deaf” but “BlackDeaf” e *In the mind of Black Consciousness*

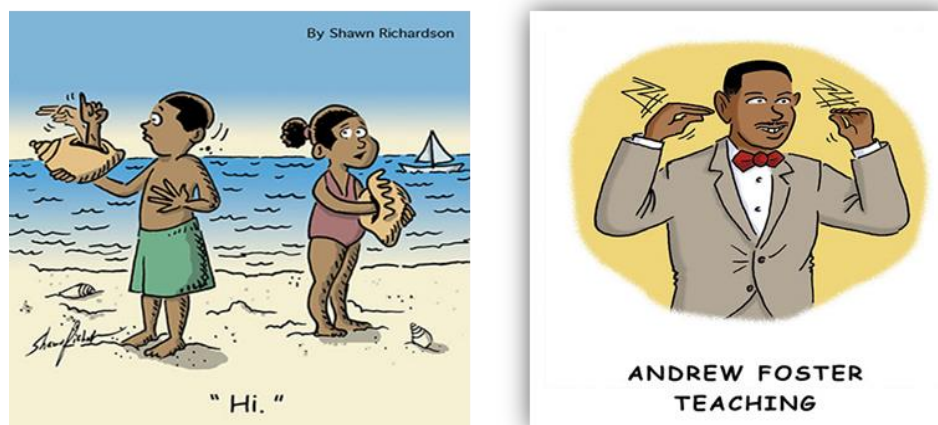


Fonte: Fred Michael Beam (2020)⁶.

Similar aos trabalhos produzidos por Fred Michael Beam, o cartunista estadunidense Shawn Richardson expressa o cotidiano dos/as negros/as surdos/as através dos seus desenhos, divulgando e fortalecendo a cultura surda e a língua de sinais. Membro do *Houston Black Deaf Advocates* (HBDA), orienta os/as negros/as surdos/as e surdos/as sobre seus direitos civis e políticos, promovendo a cultura negra surda nos Estados Unidos e colaborando na criação uma rede cooperativa com outras instituições que apoiam as pautas políticas da população negra surda, em especial, com a *National Black Deaf Advocates* (NBDA). A criação dessa organização política, em 1980, no Distrito de Columbia, possibilitou a reunião de negros/as surdos/as com outras lideranças surdas, pautando suas preocupações em relação aos impedimentos e restrições de direitos sociais, além de reivindicar espaços de liderança, com valorização de sua identidade e cultura na comunidade surda.

⁶ Disponível em: <https://deaf-art.org/profiles/fred-beam/>. Acesso em: 14 jul. 2022.

Figura 5 – Shawn Richardson



Fonte: Deaf Art⁷.

Por meio das manifestações artísticas produzidas pelos/as artistas e ativistas negros/as surdos/as, podemos dizer que seus trabalhos estão localizados na esfera do “ativismo”, pelo posicionamento político engajado, com o objetivo de causar rupturas nas estruturas hegemônicas, buscando promover o pensamento crítico no outro.

Por fim, embora não pretendamos esgotar a discussão do conceito, compreendemos que essas manifestações estéticas, em sua maioria, têm uma materialidade estruturada em uma forma de enunciação, dita verbo-visual (BRAIT, 2013), um enunciado que se apoia nas dimensões verbal da linguagem – a Libras e, também, a escrita, por vezes – e não-verbal, constituída nas semioses visuais da gestualidade das expressões não-manuais dos corpos surdos como, muitas vezes, de imagens que acompanham a sinalização. Tomamos a formulação da enunciação verbo-visual das formulações bakhtinianas de concepção de linguagem da pesquisadora Beth Brait, que argumenta que essa unidade está presente quando a dimensão verbal linguística – oral, escrita e sinalizada, em nosso caso – e não-verbal – imagética – opera nas formas de produção de sentido e efeitos de sentido de textos.

Brait (2013) argumenta que o verbal e o visual se articulam em um único enunciado nas esferas de circulação artísticas ou fora delas, “[...] com gradações, pendendo mais para o verbal ou mais para o visual, mas organizados num único plano de expressão, numa combinatória de materialidades, numa expressão material estruturada [...]” (BRAIT, 2013, p. 50). A temática dos estilos de composição na enunciação sinalizada não é objeto deste estudo, mas remete à reflexão das múltiplas e complexas formas de produção de conhecimento da coletividade surda, em contextos bilíngues, distanciadas das práticas grafocêntricas da cultura oral-auditiva hegemônica. São formas de letramentos multimodais que tensionam modos tradicionais de produção de textos, que mobilizam a experiência visual dos/as surdos/as e sua educação linguística:

⁷ Disponível em: <https://deaf-art.org/profiles/shawn-richardson/>. Acesso em: 14 jul. 2022.

A contemporaneidade, por consequência, impõe à educação linguística, tanto um olhar atento à diversidade de culturas, linguagens e mídias, e às múltiplas formas de produção de sentidos e conhecimento na sociedade atual, bem como um olhar sensível às diferenças, e também combativo no que se refere às mais variadas formas de reprodução de desigualdades opressoras (ROCHA; MACIEL, 2019, p. 3).

Algo que desperta atenção nesses trabalhos é como as experiências dessas vidas interseccionadas encontram-se representadas; a vivência de estar nesse entrelugar da negritude e Surdidade/*Deafhood* faz com que essa jornada entrecruzada de ser negro/a surdo/a o/a posicione na constante negociação identitária, ao transitar nos diferentes espaços sociais que percorrem. Recorremos, para nossas últimas palavras, à metáfora bakhtiniana da arena de lutas que constitui a linguagem, em que o jogo entre forças de unificação e descentração de “verdades sociais” se alternam e ocupam valores distintos nas relações de poder que disputam. Assim operam as manifestações estéticas de artistas negros/as surdos/as na disputa permanente da palavra-movimento, em busca da dispersão e ruptura dos discursos monológicos sobre o ser surdo (BAKHTIN, 1988).

Considerações finais

Trazer à discussão a temática das interseccionalidades e resistências nas vivências de negros/as surdos/as tem a intenção de provocar a dialogia, ainda inicial, sobre como o debate interseccional pode contribuir em diferentes processos de diferenciação das identidades, para além dos marcadores sociais de raça, classe, gênero e sexualidade que costumam povoar os estudos interseccionais. Buscamos refletir, posicionar e dar visibilidade ao debate que envolve o entrecruzamento entre raça e surdez e seus desdobramentos nas políticas de identidade envolvendo negros/as surdos/as.

Inicialmente, ao apresentar o cenário teórico e ideológico que subverteu as representações patológicas dos surdos e da surdez como deficientes/deficiência para uma apreensão cultural de suas identidades, buscamos evidenciar que, apesar dos inegáveis avanços da aproximação do movimento surdo com as lutas de outros grupos subalternos, mantém-se a perspectiva da essencialização de uma identidade cultural surda centrada no uso da língua de sinais. A invisibilização de outros marcadores identitários que atravessam a Surdidade/*Deafhood*, como é o caso da negritude, da orientação sexual, da classe e do gênero com os quais os sujeitos transitam e se identificam, impedem a compreensão de como as diferenciações interagem e promovem cenários de desigualdades sociais e hierarquizações na comunidade.

Tomamos as identidades negras surdas como metáfora de outras possíveis opressões que invisibilizam mulheres negras surdas, gays negros surdos, crianças negras surdas, entre tantas outras possibilidades de compor tríades e cruzamentos para apreender a complexidade do multifacetamento das identidades surdas e a produção das desigualdades sociais e exclusão que subalternizam esses sujeitos.

As manifestações estéticas da comunidade negra surda, sob a forma da arte da poesia,

das narrativas da literatura surda, das suas escrituras visualiterárias têm operado como estratégias de produção, circulação e consumo de manifestações culturais hibridizadas na comunidade surda, potencializando agência de artistas da luta negra surda. Tomar a análise interseccional como mais uma ferramenta analítica no campo dos estudos surdos, além de desvelar as relações de poder marcadas por conflitos, marginalização e exclusão, possibilitou-nos, também, identificar formas de resistência e agência, fortalecendo o protagonismo, a organização política e a insurgência de movimentos sociais e lutas identitárias nos movimentos negro e surdo.

Referências

- BAKHTIN, M. *Questões de Literatura e Estética*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BAUMAN, H. L.; MURRAY, J. J. Estudos surdos no século 21: “Deaf-gain” e o futuro da diversidade humana. In: ANDREIS-WITKOSKI, S; FILIETAZ, M. R. P. (Orgs.). *Educação de surdos em debate*. Curitiba: Editora UTFPR, 2014. p. 67-91.
- BHABHA, H. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- BRAIT, B. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, v. 8, n. 2, p. 43-66, 2013.
- BRASIL. *Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre Língua Brasileira de Sinais – Libras. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 2005.
- BRASIL. *Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 25 de abril de 2002.
- BUZAR, F. J. R. *Interseccionalidade entre raça e surdez: a situação de surdos(as) negros(as) em São Luís*. 2012. 155 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.
- CAMPOS, S. R. L de, BENTO N. A. Nem todo surdo é igual: discussões interseccionais preliminares na educação de surdos. *DELTA*, v. 38, n. 1, p. 1-18, 2022.
- CANAU, V. M. F. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. *Educação & Sociedade*, v. 33, n. 118, p. 235-250, 2012.
- CHAIÁ, M. Artivismo – Política e arte hoje. *Aurora – revista de arte, mídia e política*, n. 1, p. 9-11, 2007.
- CHAPPLE, R. L. Toward a Theory of Black Deaf Feminism: the quiet invisibility of a population. *Journal of Women and Social Work*, v. 34, n. 2, p. 1-13, 2018.
- COLLINS, P. H. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. *Revista Parágrafo*, v. 5, n. 1, p. 6-17, 2017.

CRENSHAW, K. Documento para encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudo Feministas*, v. 10, n. 1, p. 171-180, 2002.

EVARISTO, C. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, N. M. B; SCHNEIDER, E. (Orgs.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Idéia/Editora Universitária, 2005. p. 201-212.

FERNANDES, S. Políticas linguísticas e de identidade(s): a língua como fator de in(ex)clusão dos surdos. *Trama*, v. 7, n. 14, p. 109-123, 2011.

FERNANDES, C. P. *Criança surda pequena na educação infantil: a ouvintização no contexto inclusivo da Rede Municipal de Curitiba/PR*. 2022. 190 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2022.

FERNANDES, S. de F. *Educação bilíngue para surdos: identidades, diferenças, contradições e mistérios*. 2003. 213 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

FERNANDES, S. de F.; TERCEIRO, F. M. L. Deafhood: um conceito em formação no campo dos Estudos Surdos no Brasil. *Revista Educação Especial*, v. 32, p. 1-23, 2019.

FERREIRA, A. de J. Teoria racial crítica e letramento racial crítico: narrativas e contranarrativas de identidade racial de professores de línguas. *Revista da ABPN*, São Paulo, v. 14, n. 6, p. 236-263, 2014.

FERREIRA, P. L. A. *O ensino das relações étnico-raciais nos percursos de escolarização de negros surdos na educação básica*. 2018. 122 f. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Programa de Pós-Graduação em Ensino, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2018.

GARCIA, B. G. O multiculturalismo na educação dos surdos: a resistência e relevância da diversidade para a educação dos surdos. In: SKLIAR, C. (Org.). *Atualidade da educação bilíngue para surdos*. Porto Alegre: Mediação, 1999. p. 149-162.

GELEDÉS, I. M. N. *Inclusão Social do Negro Surdo*. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/ii-congresso-nacional-de-inclusao-social-do-negro-surdo/>. Acesso em: 20 mar. 2021.

GOYOS, A. C. S.; FERNANDES, S.; JESUS, J. D. Interfaces entre políticas linguísticas e políticas educacionais: reflexões sobre a educação bilíngue para surdos. *EDUCACAO UNISINOS*, v. 24, p. 1-18, 2020.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2006.

KARNOPP, L. B.; KLEIN M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. L. Cultura Surda na Contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações. *Revista Espaço*, n. 56, p. 15-18, 2021.

LADD, P. *Em Busca da Surdida de I: colonização dos Surdos*. Trad. Mariani Martini. Lisboa: Surd'Universo, 2013.

LADD, P. *In Search of Deafhood: Towards an understanding of British Deaf Culture*. 1998. 281 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Ciências Sociais, Departamento de Estudos Surdos, Universidade de Bristol, Inglaterra, 1998.

- LANE, H. *A máscara da benevolência: A comunidade surda amordaçada*. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.
- LINHARES, R. S. de A. *Traduzir a surdidade: diálogos entre pesquisadores surdos do Brasil e a tradutologia das línguas de sinais*. 2019. 241 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.
- LOPES, M. C. *Surdez e Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- MARQUES, R. R. *A experiência de ser surdo: uma descrição fenomenológica*. 2008. 133 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- MATTELART, A.; NEVEU, É. *Introdução aos estudos culturais*. Parábola: São Paulo, 2004.
- MOURA, C. *História do negro brasileiro*. São Paulo: Editora Ática, 1992.
- MOURÃO, C. H. N. *Literatura surda: experiência das mãos literárias*. 2016. 287 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- NEVES, G. V. Em busca da Surdidade: o entre-lugar da cultura surda na contemporaneidade. *RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, v. 7, n. 4, p. 1-9, 2021.
- PADDEN, C.; HUMPHRIES, T. *Deaf in America: Voices from a Culture*. Massachusetts: Harvard University Press, 1988.
- PERLIN, G. *O ser e o estar sendo surdos: alteridade, diferença e identidade*. 2003. 156 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- ROCHA, C. H.; MACIEL, R. F. Multimodalidade, letramentos e translanguagem: diálogos para a educação linguística contemporânea. In: LEANDRA, I. S. S.; MACIEL, R. F. (Orgs.). *Formação e prática docente em língua portuguesa e literatura*. Campinas: Pontes Editores, 2019. p. 117-144.
- SANTOS, R. de L. *Negros/as surdos/as no ensino superior: mapeando cursos de graduação de Letras Libras*. 2019. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.
- SANTOS, R. de L.; GRIGOLOM, G.; MEDEIROS, J. Slam resistência surda-Curitiba: movimento e poesia. *Revista Espaço*, n. 54, p. 31-54, 2020.
- SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. São Paulo: Editora Vozes, 2014. p. 73-102.
- SKLIAR, C. A invenção e a exclusão da alteridade "deficiente" a partir dos significados da normalidade. *Educação & Realidade*, v. 24, n. 2, p. 15-32, 1999.
- SKLIAR, C. Os Estudos Surdos em educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, C. (Org.). *A Surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2013. p. 7-32.

SOUZA, A. L. S. *Letramentos de reexistência: culturas e identidades no movimento hip-hop*. 2006. 206 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

STAPLETON, L. D. *The unexpected talented tenth: Black d/Deaf students thriving within the margins*. 2014. 315 f. Tese (Doutor em Educação) – Department Educational Leadership and Policy Studies, Universidade Estadual de Iowa, Ames, 2014.

VIANNA, G. dos S. *Corpo surdo: na língua, na corporeidade e na história, os sentidos*. 2014. 181 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

WRIGLEY, O. *The politics of deafness*. Washington: Gallaudet University Press, 1996.

Recebido em: 30/09/2022.

Aceito em: 14/04/2023.